

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA NO CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Fernanda Francisca Balisa*

Nismária Alves David**

Resumo: na sociedade brasileira contemporânea, constata-se diariamente o aumento da violência de diversas formas, sendo o preconceito racial uma delas. Vale ressaltar que sua intensidade se amplia quando é direcionada à mulher negra e pobre. Ao verificar a necessidade da discussão sobre essa temática, que tanto se manifesta no contexto urbano, selecionou-se o objeto deste estudo - o conto “Maria”, publicado em *Olhos D’Água* (2015), pela autora Conceição Evaristo. Trata-se de uma escritora de renome no campo da Literatura Afro-brasileira, a qual aborda especialmente a condição feminina a partir do conceito, por ela formulado, de *escrevivência*, isto é, a escrita das vivências de um corpo feminino negro no contexto pós-colonial do Brasil. Como embasamento teórico, utilizam-se as perspectivas do Pós-colonialismo, segundo Homi Bhabha (1998) e Gayatri Spivak (2010), e organiza-se o texto em duas partes: na primeira, apresenta-se Conceição Evaristo e suas ideias sobre a Literatura Afro-brasileira; e, na segunda, analisa-se o conto, discutindo a violência e o preconceito racial sofridos pela protagonista. Os resultados revelam a Literatura Afro-brasileira como um importante lugar de resistência que dá visibilidade aos/às negros/as e mestiços/as.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira; Pós-colonialismo; Narrativa contemporânea.

VIOLENCE AGAINST BLACK WOMEN IN "MARIA", A SHORT STORY BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Abstract: in contemporary Brazilian society, there is a increase in violence in various ways, the racial prejudice is one of them. Its intensity widens when it is directed to the poor black woman. When verifying the necessity of the discussion on the violence practiced against the black woman, that it manifests in the urban context, the object of this study was chosen - the short story "Maria", published in *Olhos D’Água* (2015) by Conceição Evaristo. She is a renowned writer in the field of Afro-Brazilian Literature, she addresses the feminine condition based on the concept “*escrevivência*”, that is, the writing of the experiences of a black female body in the

* Especialista em Estudos Literários e Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Posse. E-mail: fernanda_balisa@hotmail.com.

** Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês, Campus Pires do Rio, e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), Campus Cora Coralina. Bolsista do Programa de Concessão de Bolsa de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP) da UEG. Integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GPELLP) e a Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia. Desenvolve o projeto “Núcleo de Estudos Goianos (NEG): os Estudos culturais e a literatura goiana na escola”, financiado pela FAPEG. E-mail: nisdauid@yahoo.com.br.

postcolonial context of Brazil. The perspectives of postcolonialism are theoretical basis, according to Homi Bhabha (1998) and Gayatri Spivak (2010), and the text is organized in two parts: in the first, Conceição Evaristo and her ideas on a Afro-Brazilian Literature are presented; in the second, the short story is analyzed, discussing the violence and racial prejudice suffered by the protagonist of the plot. The results reveal that Afro-Brazilian Literature is an important place of resistance that gives visibility to blacks and mestizos.

Keywords: Postcolonialism; Afro-Brazilian Literature; Contemporary narrative.

Recebido em 30/04/2017. Aceito em 30/05/2017.

Conceição Evaristo, uma escritora afro-brasileira

Conceição Evaristo é considerada uma das mais importantes vozes da literatura afro-brasileira. Também pesquisadora da área de Estudos Literários, a referida escritora afirma a existência de uma Literatura Afro-brasileira e, especialmente, dá destaque à vertente negra feminina. Para ela, a escrita afro-brasileira é marcada pelo ponto de vista da mulher negra. A partir dessa constatação, formula o conceito fundamental de sua produção literária, a escrevivência, isto é, “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (OLIVEIRA, 2009, p. 622).

O ato de invenção escrita vem sempre acompanhado das vivências, sendo traduzido pelo seguinte depoimento da própria escritora:

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p. 18).

Para detalhar acerca das vivências da autora, retomam-se aqui algumas considerações do texto “Conceição Evaristo: Aspectos Biográficos”, encontrado na tese de doutorado de Omar Silva Lima, defendida na Universidade de Brasília em 2009, no qual se conhecem alguns marcantes dados biográficos por meio de depoimento inédito da escritora, nascida em Belo Horizonte, em uma favela da zona sul:

Maria da Conceição Evaristo nasceu no dia 29 de novembro de 1946. Filha de Dona Joana e José. Quanto a esse pai biológico, a autora sabe pouco sobre ele, se vivo, morto ou desaparecido, e considera como sendo seu verdadeiro pai o senhor Aníbal Vitorino, casado com sua mãe. Aos sete

anos, ela foi morar com a irmã mais velha de sua mãe, Maria Filomena da Silva (LIMA, 2009, p. 53-54).

Seu primeiro emprego doméstico surgiu quando Conceição Evaristo estava com apenas oito anos de idade. Em 1958, ela terminou o primário e venceu o concurso de redação que tinha como título: “Por que me orgulho de ser brasileira?”, considerado seu primeiro prêmio de literatura. Conforme Lima (2009), apesar do consenso quanto à qualidade de sua redação entre os professores, houve discordâncias quanto à entrega do prêmio devido a sua passagem pela escola não ter sido a de uma aluna exemplar. Por intercessão de uma professora que trabalhava na biblioteca, o prêmio lhe foi entregue.

Conceição Evaristo, após concluir o Primário, ingressou no Curso Ginásial, atual Ensino Médio, com diversas interrupções e, neste período, já com dezessete anos, “viveu intensamente discussões relativas à realidade social”. Conciliou os estudos com o trabalho de empregada doméstica, até chegar à conclusão do Curso Normal do Instituto de Educação de Minas Gerais, em 1971, aos 25 anos de idade. Partiu de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro, com a ajuda de amigos, depois de ter sido aprovada em um concurso de professora do primário em 1973.

Em 1975, nos dois anos posteriores à sua chegada ao Rio de Janeiro, Conceição Evaristo prestou concurso e se tornou professora do Supletivo, no quadro de magistério da cidade de Niterói, onde trabalhou por aproximadamente dez anos. Em 1976, prestou vestibular para o curso de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, conheceu Oswaldo Santos de Brito com quem se casou e teve sua única filha, Ainá Evaristo de Brito.

A autora estreou na literatura em 1990, com a publicação de poemas e contos na série *Cadernos Negros 13*, do Grupo Quilombhoje de São Paulo. Tornou-se Mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, em 1996, com a defesa do tema *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Realizou o Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2011, com a defesa da tese *Poemas Malungos: cânticos irmãos*.

Em 2003, Conceição Evaristo lançou a tradução do seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, no Salão do Livro em Paris. Em cerimônia ocorrida a 03 de dezembro de 2015, no Auditório Ibirapuera, em São Paulo, a autora recebeu o Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria contos e crônicas, com o livro *Olhos d'água*, no qual se encontra publicado o conto “Maria”, que será abordado neste trabalho.

Em 2016, Conceição Evaristo completou 70 anos de idade. Neste mesmo ano, aconteceu o lançamento do seu sexto livro, composto por doze contos e uma novela, intitulado *História de leves enganos e parecenças*. A escritora confessa que:

O prazer da literatura é justamente perceber que ela tem ressonância e volta justamente para nós mesmas. A maior felicidade é perceber que você é lida entre os seus e que sua escrita tem sentido. O primeiro espaço que legitimou e valorizou o meu texto foi o movimento negro, especialmente as mulheres negras. (EVARISTO apud ALVES, 2016, p.1).

Em suas obras, sejam romances ou contos, Conceição Evaristo aborda a violência em suas diversas formas, em especial, manifestada por meio do preconceito racial, de gênero e de classes tão evidentes no dia-a-dia das cidades. Para a autora, seu estilo de produção literária, a escrevivência, é um modo de escrita que surgiu da sua posição de pobreza, mulher e negra. Isso pode ser confirmado no trecho da entrevista que concedeu ao jornalista Luís Nassif, do *Jornal GGN* (Grupo Gente Nova):

Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também — diz Conceição. (EVARISTO apud NASSIF, 2016, p.1).

A escritora transformou as duras vivências em matéria de suas histórias ficcionais. Conforme Conceição Evaristo (2009, p. 19-20), a Literatura Afro-brasileira dá visibilidade a negros e mestiços, sobretudo mulheres negras e mestiças, valoriza a etnicidade, uma vez que expõe a identidade negra das personagens, destacando os aspectos físicos e os aspectos culturais que trazem a africanidade, e evidencia tanto a inclusão quanto a exclusão sofridas por afrodescendentes no Brasil. Faz-se necessário que a literatura afro-brasileira se torne, cada vez mais, conhecida, por trazer esse discurso que não estereotipa a população negra e seus descendentes, mas sim os valoriza, dá-lhes o direito de significar, considerando-se as reflexões de Homi Bhabha (1998). Para esse teórico:

Nesse sentido salutar, toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento - que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social - como ela emerge em formas culturais não-canônicas - transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d'art* ou para além da canonização da 'ideia' de estética, a lidar com a

cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis produzidas no ato da sobrevivência social. A cultura se adianta para criar uma textualidade simbólica para dar ao cotidiano alienante uma aura de individualidade, uma promessa de prazer. (BHABHA, 1998, p. 240).

O conto “Maria”, objeto desta análise, foi produzido por uma mulher negra, que fala de situações de violência na sociedade em que vive e, por isso, a voz de Conceição Evaristo pode ser chamada de “voz autoral afrodescendente”; termo adotado por Duarte (2011). Assim como outras autoras afro-brasileiras, Conceição Evaristo faz uma literatura diferenciada, pois aborda as vivências das mulheres negras em suas diversas experiências, reivindicando o lugar destas na sociedade excludente.

A representação da violência contra a mulher negra no conto “Maria”

A violência no Brasil tem aumentado e feito milhares de vítimas. Devido ao abandono da vida rural no decorrer dos anos, muitas pessoas têm migrado para a cidade. No entanto, as grandes cidades brasileiras não têm comportado o aumento acelerado da sua população por não possuir uma infraestrutura adequada e que possibilite a todos o acesso digno a emprego, moradia, saúde, educação, entre outros. Desse modo, o crescimento populacional desenfreado tem desencadeado graves problemas sociais.

Diariamente, os jornais noticiam o crescimento da violência praticada nos grandes centros do Brasil, que se manifesta de diversas formas e que está causando a morte de inúmeras pessoas. Pode-se apontar que grande parte dos atos violentos praticados se origina do preconceito racial, herança deixada pelos colonizadores brancos, os quais julgavam que a raça ariana era superior.

Segundo Evaristo (2009, p. 18), a subjetividade afro-brasileira é assinalada pelo racismo e pelo sexismo perversos praticados pela sociedade. Aqui se faz necessária a afirmativa de Joel Rufino dos Santos, ao definir racismo: “Diz o *Larousse* que o racismo prega, em particular, o confinamento dos ‘grupos inferiores’ dentro de um país (segregação racial).” (SANTOS, 1984, p.14). O racismo, conforme Santos (1984, p.35), “é um dos muitos filhos do capital”.

No Brasil, desde o seu descobrimento, a violência racial vem se propagando, assumindo as formas do racismo contra um povo de cor diferente das do europeu, que foi/é julgado como uma raça inferior, incapaz de construir uma civilização. Junto com o

desenvolvimento capitalista, tem-se “o racismo aberto: discriminação com conflito”. (SANTOS, 1984, p. 49-50).

Já no que se refere ao sexismo, a violência contra a mulher vem acontecendo há muito tempo, concordando-se com a perspectiva seguinte:

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de seu marido. (RITT, CAGLIARI, COSTA, 2014, p.15).

Discutir e buscar soluções para os problemas relacionados aos diversos tipos de preconceito diariamente sofridos será sempre necessário, pois, apesar de o Brasil ser um país com formação populacional composta em grande parte por miscigenação, esse tipo de violência associado ao racismo atinge altos índices. Além disso, embora a mulher tenha conquistado seu espaço na sociedade contemporânea, muitas vezes, ainda é estigmatizada como um ser frágil e que sofre diversas formas de violência e discriminações dentro de uma sociedade machista.

O sexismo e, até mesmo, a misoginia determinam as relações de poder dentro da sociedade contemporânea, reproduzindo o sistema patriarcal e tornando o ambiente urbano um espaço privado em que homens possuem total liberdade e a mulher é constantemente oprimida e agredida. A mulher foi inferiorizada em relação ao homem em todos os meios sociais, devido à educação patriarcal. Por muito tempo, foi vista apenas como reprodutora e tinha como única função cuidar da casa, dos filhos e do marido, excluindo sua capacidade intelectual. Sentindo-se reprimida, silenciava-se diante da situação em que se encontrava.

Significativas foram as contribuições trazidas pelo trabalho da Crítica Feminista, que possibilitou dar mais visibilidade à literatura feminina, a mulher passou de mera personagem da literatura masculina para um sujeito participante na produção crítica e literária. Também vale salientar o quão árduo foi e é o caminho literário para as autoras negras. Isso explica porque hoje se tem acesso à literatura produzida por mulheres, como é o caso de Conceição Evaristo.

O conto “Maria” faz parte de uma coletânea, intitulada *Olhos D’Água* (2015), da referida escritora. Neste texto, narra-se a história de uma mulher negra chamada Maria, que vive em uma favela, cria os filhos sozinha e trabalha como empregada doméstica na casa de uma família rica. Ao ir embora do trabalho, embarca em um ônibus que é assaltado pelo seu

ex-companheiro, pai de seu filho. Os demais passageiros, ao constatarem que ela foi a única pessoa que não foi assaltada, revoltam-se contra ela, ofendendo-a primeiramente com xingamentos e, por fim, com agressões físicas até a sua morte.

Trata-se de um enredo que relata a violência sofrida por uma mulher que enfrenta uma sociedade cuja prática do preconceito racial vem desde a colonização do Brasil e a educação se embasa no modelo patriarcal. A história evidencia o preconceito e a discriminação existentes contra pessoas de classes sociais menos privilegiadas, que culmina na violência sofrida pela protagonista. Em outras palavras, representa o desprezo e a exclusão tanto direcionados ao gênero quanto à raça, retratados na seguinte fala dita com ódio: “Ouvii uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.*” (EVARISTO, 2015, p. 41, grifo da autora).

Constrói-se o discurso de poder e de superioridade sobre Maria, expressando estereótipos negativos sobre ela. Considerando-se os Estudos Pós-Coloniais, segundo Bhabha (1998), observa-se a construção/desconstrução da identidade do Outro, de Maria, da identidade negra, de forma depreciativa:

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). (GOMES, 2005, p. 43).

O conto expõe a violência clara e gratuita sofrida pela protagonista. Esta foi insultada e agredida até a morte, porque conhecia o homem que cometeu o assalto dentro do ônibus, meio de transporte que utilizava todos os dias após o trabalho durante a volta para casa. O machismo que desencadeia diversos tipos de violência contra a mulher e, no conto, volta-se contra a personagem “*Maria*”, pode ser observado claramente na passagem a seguir: “A primeira voz que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono levantou e se encaminhou em direção à Maria.” (EVARISTO, 2015, p. 42, grifo da autora).

Ressalta-se que um grande percentual de mulheres sofre algum tipo de violência durante sua vida. Diante do exposto, importa ainda refletir sobre as diversas formas de configuração de violência que a mulher vem sofrendo em nossa sociedade e que Conceição Evaristo relata no conto em estudo. Pensar sobre a violência sofrida pela protagonista do enredo permite-nos indagar sobre diversos fatores desencadeadores das agressões sofridas por esta e que

representam os ataques sofridos por inúmeras mulheres. Em outros termos, os fatos narrados se assemelham às situações de muitas “Marias” em nosso país.

O nome Maria origina-se da forma hebraica *Myriam*, cujos significados são soberana e forte, corresponde à forma latina atribuída à mãe de Jesus, tornou-se popular com a propagação do Cristianismo e é muito empregado para nomear mulheres. O referido nome, utilizado tanto para intitular o conto quanto para nomear a protagonista, denomina pessoa comum indeterminada, representando as diversas mulheres que sofrem algum tipo de violência.

No texto de Conceição Evaristo, apesar de ficcional, a história faz com que o leitor reconheça que a personagem é descrita de modo bastante realista e os fatos que lhe acompanham sejam reais: “*Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos.” (EVARISTO, 2015, p. 42, grifo da autora).

Durante as agressões, fica clara a prática racista e discriminatória de quem agredia a protagonista. Será que os passageiros, que passaram a agredir a protagonista, teriam a mesma postura diante de uma mulher branca? Esse questionamento pode ser facilmente respondido se levarmos em consideração todo o contexto histórico da nossa sociedade e todas as histórias de violência sofridas por pessoas negras no país.

O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. Os dois filhos estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remédio de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. (EVARISTO, 2015, p. 39).

Maria era uma trabalhadora. Diante da narração, pode-se constatar que sua mão de obra era explorada e desvalorizada. Por exemplo, ela estava levando para casa os “restos” de um banquete feito por sua patroa. O que ganhou como pagamento foi apenas uma “gorjeta” que mal daria para pagar a passagem de volta para casa, comprar os remédios para os filhos e um único alimento.

Esse relato remete aos tempos em que legalmente ocorreu o fim da escravidão, porém os ex-escravos e negros trabalhavam em troca de alimentação. O texto *O trabalho doméstico no Brasil* descreve bem esse cenário:

No Brasil, o trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas, com 467 anos de existência marcados pela violência institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo; o fim da escravidão parcial (Lei Áurea) obrigou os/as negros/as a trabalhar por mais 48 anos a troco de comida ou por uns trocados [...] (SOUZA, 2013, p. 67).

Quanto ao trabalho doméstico, a inferiorização e a discriminação também são tipos de violência caracterizada pelo preconceito. Existe o preconceito no sentido de definir esse tipo trabalho como menos importante que outros e, sendo este exercido, na maioria das vezes, por mulheres consideradas pelos patrões como inferiores. Assim, vistas como inferiores, vários patrões se eximem da obrigação de cumprir com o que lhes é devido, ou seja, o pagamento do valor real pelo serviço prestado e a obrigação de respeitar a pessoa como cidadã.

Eis a condição de subalternidade da mulher, negra e pobre: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67). Ainda, Spivak (2010) considera fundamental que mulheres intelectuais concedam espaços para que sujeitos subalternos sejam representados e ouvidos. Nessa direção, Conceição Evaristo cria sua relevante literatura de consciência.

A literatura afro-brasileira exhibe pontuações ideológicas do Movimento Negro: “Amplia-se então um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras” (EVARISTO, 2009, p. 25). Pautando-se pela vivência de negros na sociedade brasileira, Evaristo rompe com a representação literária da mulher negra sustentada “nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor.” (EVARISTO, 2005, p. 52)

Evaristo (2009) ressalta que, por muito tempo, na literatura brasileira, negou-se imagem de mulher-mãe à personagem negra feminina, em contraposição ao perfil delineado marcadamente para as mulheres brancas. A escritora indaga se a ausência de representação materna para a mulher negra, na literatura brasileira, significaria o apagamento dos sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira e, até mesmo, o desconhecimento do papel da mulher negra na formação da cultura nacional (EVARISTO, 2009). Pelo contrário, no conto “Maria”, a protagonista negra é representada como uma figura materna, fazendo jus ao nome de Santa Maria, mãe de Deus: “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (EVARISTO, 2015, p.42).

Considerações finais

A análise aqui desenvolvida sobre o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, revela a situação da mulher negra e pobre numa sociedade que a violenta de diversas formas. A primeira violência a ser destacada, trata-se do fato de a protagonista trabalhar como empregada doméstica e não receber o que lhe era devido, configurando-se como um trabalho análogo ao escravo, estando às margens da legalidade e não desfrutando de seus direitos. A segunda refere-se ao fato de que foi abandonada pelos seus companheiros, acabou criando seus filhos sozinha e sem condições dignas pela falta de dinheiro. A terceira violência ocorre quando Maria foi julgada, sem direito de defesa, por conhecer o assaltante do ônibus, sendo tratada como se fosse uma criminosa, insultada com palavras machistas e racistas, vindo a sofrer as agressões físicas que a levaram à morte, deixando seus filhos relegados ao completo abandono, sem que o leitor saiba o futuro daquelas crianças deixadas órfãs.

Conceição Evaristo assume sua condição feminina e negra, ou seja, um lugar sociocultural, para trazer a escrevivência da mulher negra. No dizer da própria autora, isso corresponde a uma inovação literária (EVARISTO, 2005) que toma a forma de uma visão pós-colonial e nega a dominação. A literatura afro-brasileira, como parte da cultura, é um lugar de resistência aos discursos hegemônicos, apresenta-se, portanto, como um contradiscurso.

A partir dessa observação, é fundamental destacar e reconhecer que a violência e o preconceito racial ultrapassam a barreira da ficção para revelar a realidade, mostrando o quanto a sociedade brasileira passa por retrocessos que fazem vítimas inocentes e afetam a todos. Diante do exposto, por fim, cabe assinalar a importância da literatura afro-brasileira para a conscientização da sociedade quanto à aceitação e ao respeito pela origem do povo brasileiro e as bases que constituem nossa sociedade tão plural e diversa.

Referências

ALVES, Alê. Homenageada com poemas e cantos, Conceição Evaristo lança sexto livro. *Ponte Jornalismo*. 17 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/08/17/homenageada-com-poemas-e-cantos-conceicao-evaristo-lanca-sexto-livro>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Minas Gerais: UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. Maria. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>> Acesso em: 29 abr. 2017.

_____. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, 2005, p. 52-57. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>> Acesso em: 29 abr. 2017.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. BRASIL. Ministério da Educação (Org.). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: SECAD, 2005 Disponível em: <<https://goo.gl/M2Yc9j>>. Acesso em: 10 set. 2016.

LIMA, Omar da Silva. *O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4137/1/2009_OmardaSilvaLima.pdf>. Acesso em: 20 maio 2016.

NASSIF, Luís. A vida e a obra de Conceição Evaristo. Cultura. *GGN - O Jornal de todos os Brasis*. 11-07-2016. Disponível em: <<http://jornalggm.com.br/noticia/a-vida-e-a-obra-de-conceicao-evaristo>> Acesso em: 08 fev. 2017.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009, p. 621-623. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

RITT, Caroline Fockink; CAGLIARI, Cláudia Taís Siqueira; COSTA, Marli Marlene da. *Violência cometida contra a mulher compreendida como violência de gênero*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s.d. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigo_violencide%20genero>. Acesso em: 19 maio 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SOUZA, Claudenir de. *Mulheres negras contam sua história*. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. Disponível em: <www.seppir.gov.br/asuntos/Livromulheresnegrascontamsuahistoria.pdf>. Acesso em: 30 maio 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitos Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.